

VIDA LITERÁRIA

RETÓRICA E POESIA

Sergio Buarque de Holanda

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

As tentativas para se interpretar e explicar a dificuldade específica da moderna poesia; os esforços para a organização dos seus diferentes aspectos num quadro harmonioso e amplo; a ambição, enfim, de se desvendarem, como parte desses esforços, certos princípios perenemente válidos, capazes de fornecerem os elementos básicos de alguma doutrinação metódica, representam alguns dos traços nítidos do atual momento literário.

Não é apenas no Brasil que encontramos hoje a acentuada preocupação com os problemas da poesia "hermética", por exemplo, ou com os da técnica do verso, e principalmente a expectativa de uma literatura onde se espelhem vivamente tais preocupações. O que entre nós acontece, mais talvez do que em terras de cultura intelectual muito assentada, é que costumamos abraçar idéias na aparência prestigiosas, não direi com o fervor, mas com o cume intransigente dos neófitos. Clume que não impede, por sua vez, uma atitude de docilidade inerte em face dessas idéias, tais como se apresentam ao primeiro relance, e que nasce, não raro, de uma imperfeita compreensão daquilo que elas significam.

Bem expressiva de semelhante atitude é a vontade insistente, embora nem sempre confessada, entre muitos poetas e teóricos atuais, de ultrapassarem as formas literárias mais generalizadas na geração que os precedeu, não tanto por um ato de superação que seria certamente desejável, como, no fundo, por um retrocesso a formas transactas. Seu triunfo não seria, em suma, outra coisa além do triunfo dessa espécie de parnasianismo latente que, sob aparências exteriores diversas, tem prevalecido constantemente em nossa poesia, mesmo a que precede ao Parnasianismo.

A origem desse traço constante parece colocar-se, em realidade, a crença, que herdamos insensivelmente das antigas construções retóricas, na existência de dois tipos do estilo fundamentalmente distintos, e que não se podem confundir sob pena de morte. Se um deles se adapta às formas apuradas ou insígnias, à tragédia, à poesia épica ou lírica, à locução nobre, à expressão patética; o outro tem seu terreno de eleição em manifestações mais rudes e vulgares, na comédia, na sátira, na descrição realista, na preocupação do pormenor concreto ou simplesmente grosseco. Ambos são explicáveis segundo suas diferentes aplicações, ou segundo os sentimentos e temas que os suscitam, assim como é explicável e até necessária, numa sociedade bem composta, segundo os padrões ancestrais, a presença de classes diversas, segregadas, porém, umas das outras, e organizadas em rígida hierarquia.

Os nossos chamados modernistas de 22 tentaram reagir, muitas vezes desajeitadamente, contra a concepção hierárquica dos temas, dos sentimentos, das expressões literárias, introduzindo em suas composições o prosaísmo voluntário, a ironia, a anedota e mesmo — para recorrer a uma fórmula que se tornou célebre — a poesia piada. Muitos dos seus censores atuais, e em particular os censores desse admirável poeta que é Carlos Drummond de Andrade, o que efetivamente pretendem é a restauração exclusivista da linguagem poética, o mergulho no que parecem ser as puras fontes do lirismo, capazes de nos imunizar, enfim, contra os contágios parnasianos. Em outras palavras, nas palavras da antiga retórica, desejam, em sua integridade e intangibilidade, a preeminência do *sermo sublimis*, que mãos sacrílegas não se pejavam de misturar democraticamente ao *sermo humilis*, apropriado, este, ao discurso vulgar e à sátira, não à genuína poesia.

A posição dos que aspiram àquela integridade e intangibilidade parece reforçar-se ante a atualidade aparente de certos debates acerca do caráter peculiar do moderno "idioma" poético. Moderno, isto é, como vem sendo praticado desde o século passado e sobretudo depois que os poetas, na expressão de um deles, pretenderam manifestar o inexprimível por meio de um "imenso e metódico desregramento de todos os sentidos".

Mas o que na realidade deparamos nesse idioma, com suas fraturas sintáticas, sua abolição dos elementos habituais de transição prosódica, suas metáforas inesperadas e violentas é o contrário de uma depuração ou sublimação retórica; é um esforço de inclusão crescente, que não recua, se preciso, diante do próprio trocadilho ou da piada. Querer converter em bandeira de qualquer movimento renovador, a campanha, não já contra os clichés modernistas, o que seria admissível e louvável, mas contra o seu "prosaísmo", como ainda há pouco o fazia um dos arautos dessa discutida "geração de 45", o poeta

Domingos Carvalho da Silva, é apenas mais uma transigência com o nosso latente parnasianismo. Seria de todo aconselhável que os partidários desse ponto de vista comessem por uma redefinição precisa do que sejam realmente o poético e o prosaico.

De passagem, caberia lembrar-lhes como o prosaísmo pode, em muitos casos, servir para dar intensidade à linguagem poética. É o que o demonstra largamente — para citar apenas este exemplo — a experiência da moderna poesia inglesa, que precisando buscar antecedentes para sua ambição de manifestar um mundo cambiante e complexo, teve de recorrer à literatura barroca e seiscentista de um Donne e de um Marvell. Ou seja a uma literatura que ignorava, talvez deliberadamente, a divisão estipulada pela antiga Retórica entre o estilo nobre e o remisso.

Outro ponto de vista largamente partilhado pelos nossos mais recentes inovadores da poesia, em sua campanha contra a geração precedente, é a da necessidade de voltarmos consistentemente às preocupações formais e formalísticas. Preocupações que, de certo modo, já floresceram na poesia por vezes excelente do sr. João Cabral de Melo Neto e não só na poesia, como nas importantes pesquisas técnicas, de sr. Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Este último censura no modernismo o ter sido formalmente uma aventura sem disciplina que, por outro lado — acrescenta — não soube alijar de sua inspiração "o prosaico e o excrescente". É certo que semelhante aventura terá tido uma virtude inegável: "a de liquidar de uma vez por todas (?) a pretensão de o verso por si só ser poesia". O neo-modernismo, nessas condições, — observa ainda — "não é nem pode mesmo ser uma negação do modernismo; ao contrário, é uma resultante, um produto fundamentado de sua evolução. A esta altura, só um perigo o ameaça: o de cair na repetição das velhas formas e dos velhos processos, embora forma nada tenha a ver com forma. Contra esse mal é que devemos precaver-nos, pois técnica sózinha, também não faz poesia".

Desse perigo que assinala tão lucidamente o poeta de *Lamentação Floral* não parecem conscientes, em verdade, muitos dos seus companheiros de geração. Em alguns destes parece certo, aliás, que o formalismo, a exigência de rigor técnico, até a exigência de recuperação das formas regulares e canônicas, não passa de argumento polêmico ou arma de combate. Ainda nessa pugnacidade — e não só nela — revelam-se eles, por menos que o queiram, tributários fiéis da mesma geração modernista de 1922, agora transformada em alvo de seus ataques.

Seria ilusório pensar que tais exigências proviessem em geral de uma inelutável necessidade e significassem mais do que mero artifício ornamental. Ou que participassem verdadeiramente dos esforços empreendidos entre literaturas mais ilustres do que a nossa no sentido de se descobrirem as leis secretas onde há de descansar perenemente uma criação literária digna desse nome.

Assim como até agora não foi dado aos nossos inovadores, em geral tão exigentes de linguagem poética e alevantada, explicar o que seja o poético e o prosaico, não se pode dizer que a existência daqueles esforços tenha logrado criar, até agora, o que seria talvez ilcito esperar deles: alguma nova poética fundada nas boas lições dos antigos e modernos, e suficientemente prestigiosa para conter todos os desvários formais nos limites plausíveis. Qualquer coisa, em suma, que fosse para o nosso tempo o que foi principalmente para os autores seiscentistas e não menos para o classicismo francês a *Poética* de Aristóteles, a partir do dia em que a retiraram da sombra onde permanecera através de toda a idade Média, e mesmo durante a antiguidade clássica.

Sem a presença desse código formal, ou de uma doutrina estética bem fundada, não vejo realmente como se possa tentar qualquer revisão de valores que tenha por base, sobretudo, critérios rigorosamente formalísticos. E, assim, ou a revisão proposta não passa de mero argumento polêmico, ou representa apenas, e então seria preciso confessá-lo com franqueza, um puro e simples retrocesso às posições combatidas pelos modernistas de 22.

Não me parece, em todo caso, que esta última alternativa seja perfeitamente exata com relação a alguns dos novos poetas, pelo menos com relação àquelles cuja obra se distingue por um cunho de autenticidade. Para isso seria preciso, entretanto, examinarem-se mais detidamente alguns casos individuais, o que ficará para o próximo artigo.

Remessa de livros: — Rua Hadock Lobo, 1.625 — São Paulo.